

Quim Anão...

Grande génio da história dum passado recente, que não teve igual, e que sempre o conhecemos por Quim Anão; ignorando, a sua verdadeira identidade e origens.

Nunca um nome tocou tão de perto, os Comarquenses de Estarreja e da Murtosa, como o desta singular e simpática e típica criatura.

Conheci o Quim era então miúdo, a que reporto segura lembrança, aí pelos meus 5 anos de idade.

Mas, 50 anos se passaram, e as recordações acumuladas ao longo dos anos, todas elas recheadas de bons e maus momentos, ficariam gravadas nas mentes de muitos milhares de pessoas, que demandavam a Vila de Estarreja; pelo menos, em dia de mercado.

Quim Anão era um bom coração.

De saco às costas e foicinha à cintura – quase sempre de cabelo rapado – tinha por hábito interpelar fosse quem fosse; na mira, de lhe ser dada uma moeda com a qual, normalmente, a aplicava a compra de uns centilitros de vinho.

Não recordo que o Quim tivesse fome; nem tão pouco, pedir que lhe dessem algo para comer.

Normalmente as pessoas lhe perguntavam se queria comer.

Mas a pinguita de vinho era sempre bem vinda, que normalmente acabava num excesso, levando o nosso amigo Quim, muitas vezes à perda da consciência, culminando em desumanas e degradantes situações da condição humana.

Mas o coração desta personagem era de facto grande, e em momentos de clarividência, era bondoso, amigo e conseguia ter grande audiência, nas suas verdadeiras histórias.

Eram mais os momentos negativos da sua vida quotidiana; do que, os momentos de uma postura normalíssima.

Foram muitas as histórias que contou; mas, mais foram aquelas que outros contaram, acerca desta personagem e de outras personagens a ele ligado, e na maior das vezes dele nada tinham.

Infantil e maliciosamente instigado por mandantes, e a troco de uma moeda; ou sem ela, era impelido para provocar terceiras pessoas - sobretudo jovens mulheres - que o respeitavam e admiravam, passando estas a ser as suas “vítimas” ocasionais.

A maioria delas não o temiam, apenas se resguardavam, para evitarem uma ingénua apalpadela.

Os mandantes, na maioria deles, figuras da nossa terra, cuja actividade profissional; era dividida, entre o trabalho de “prospecção comercial no comércio do gado” e o de “assentar azulejo” nos cafés da Vila de Estarreja.

Também conheci o Quim a outra faceta humana, como a fazer recados; a apanhar comida para os coelhos, a acariciar ternamente o *Jaburú*; cachorro da Vila de Estarreja, que “*de vez em quando lhe vestiam as cores do Futebol Clube do Porto*”, cujo poiso habitual, era a casa da Senhora D^a Adelaide Valente.

O *Jaburú* tecia a mesma singular ternura e simpatia pela Quim; acompanhando-o, muitas das vezes, no périplo pela Vila de Estarreja ou descansando no seu regaço enquanto lhe lambia a face, no meio da sua barba cerrada.

Das suas histórias mirabolantes, recordo-me que se sentia muito orgulhoso, por ter amachucado a “capot” do MG do Joãozinho Amaral; após ter sido atropelado pelo mesmo, tendo feito uma mozza do “*caraças*” no carro, sem que a sua cabeça tenha sofrido o menor dos arranhões.

Também relembro que deu carne, imprópria para consumo; queimada com creolina, aos “*pitos do senhor Filipe*”, que estes morreram, e, que depois os teria comido, sem que nenhum mal o tivesse afectado.

Para não falar já na enguia viva que comeu; ao que foi preciso meio litro de aguardente, para a afogar em álcool no seu estômago; já que de outro modo, não conseguia eliminar a “*azia*”, que sentia nas suas entranhas.

Estes são pequenos pormenores, que marcaram a vida e a existência desta inesquecível personagem, que foi o Quim Anão.

Poderíamos estar a contar histórias verdadeiras sem fim, deste homem, que marcou algumas gerações da nossa terra.

A sua robustez física, aliada sua capacidade de recuperação, e o de hostular do álcool que ingeria, fazia do seu dia seguinte, um novo dia.

A sua capacidade de resistir, ao cansaço, à fome, ao calor e à intempérie foi de facto grande ...

Recordo uma manhã de Inverno, chovia que Deus a dava.

Reparei quando me dirigia a pé para estação de Estarreja, para apanhar o comboio, o Quim jazia no chão; ali no passeio, junto ao Sarabando de Carvalho.

Estava inanimado, descalço como o costume, a seu lado o saco, fazendo com que a água da chuva em si resvalasse, e tomasse o caminho da Estrada.

Fez-me aflição vê-lo naquele estado. Nada podia fazer, porque àquela hora da manhã, não passava viva alma, e aquela era quase uma situação normal.

Apenas não considere normal, porque, a chuva era tanta, que pensei que a sorte desta vez tivesse abandonado o Quim...

Mas naquele tempo, ninguém mexia um dedo para se chamar os Bombeiros; também os bombeiros, não tinham os meios que hoje têm para o socorrer.

Mas, o dia seguinte era, o dia seguinte, e o Quim, recuperaria mais uma vez; e outra mais, até...

O tempo passou, mas ele estará sempre presente; até que, as gerações que o viram resistir dia após dia, comecem também a preparar a partida, a que a lembrança dos vindouros, acabará por se dissipar permanentemente.

O que fizemos nós para preservar a memória futura desta ilustre personagem da nossa terra?

Daqui a poucos anos, ninguém mais se lembrará desta história...

A memória do Quim Anão se esfumará e nunca mais se ouvir falar do seu nome.

Mas ele existiu de facto.

Quer queiramos, quer não, a sua existência marcou as nossas vidas, enquanto Estarrejenses. Ele foi um pouco de nós. Ou ele é ainda, um pouco de nós.

O Quim podia à semelhança de outras figuras, o Senhor Borges, a Tomázia, a padeira Vergas, a peixeira Tia Canta, inscrever as páginas de uma biografia, deixadas como legado histórico aos Estarrejenses mais jovens.

Por certo, estas personagens que enunciei, deixaram uma marca inconfundível; que até agora, ninguém que tenha passado pela nossa Terra, foi capaz de deixar tão viva na nossa memória.

Por tudo o que de bom nos legou, O Quim merecia, nem que fosse por um dia, que nos lembrássemos, dele...

